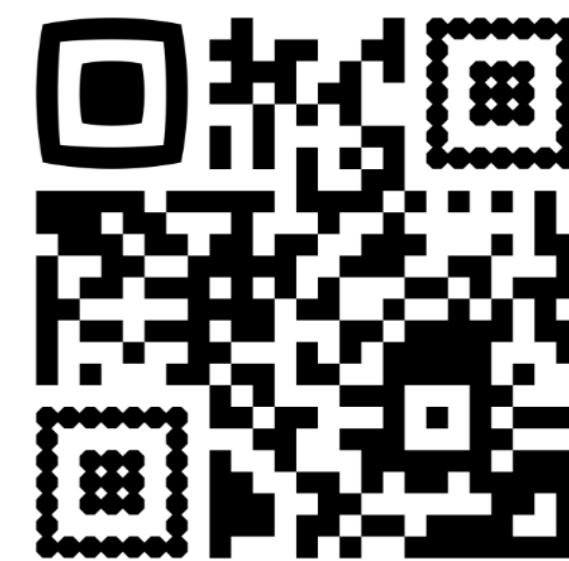




O IMPACTO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO EM PACIENTES COM TRANSTORNO DE PROCESSAMENTO SENSORIAL EM UM HOSPITAL PEDIÁTRICO TERCIÁRIO: IDENTIFICANDO GATILHOS DE DESCONFORTO.

Daniela Arruda Guterres Soares

Leia o trabalho na íntegra:



APRESENTAÇÃO

O corpo humano percebe o ambiente construído por meio de seus sentidos, e a interpretação desses sentidos afeta nosso bem-estar mental e físico. Experiências anteriores e sua relação sensorial com o espaço estão ligadas às emoções e à memória. Considerando as diferenças na compreensão do ambiente em indivíduos neurotípicos e atípicos e a importância do ambiente físico na promoção do conforto (KINNAER, 2015), este estudo tem como objetivo identificar os desencadeadores de desconforto em pacientes com Transtorno do Processamento Sensorial (TPS) que poderiam ser potencialmente aliviados por meio de modificações no espaço (COLEEN, 2006; BARKER, 2014).

Este estudo qualitativo exploratório utilizou uma abordagem teórica e fenomenológica, empregando entrevistas semiestruturadas com perguntas sobre situações específicas vivenciadas pelos entrevistados, permitindo respostas livres. As entrevistas foram conduzidas pessoalmente, com análise qualitativa das respostas. Incluíram-se pacientes com mais de 2 anos diagnosticados com Transtorno de Processamento Sensorial, excluindo-se aqueles com menos de 2 anos ou em primeira visita ao hospital. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética.

RESULTADOS

Foram entrevistados 32 pais e/ou responsáveis de crianças atendidas pelas especialidades médicas Neurologia, Oncologia, Alergia, Gastroenterologia, Psiquiatria, Nefrologia, Pneumologia, Hematologia e Cardiologia. Dos 32 pacientes, 17(53,13%) com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), 8 (25%) com Síndrome de Down, 4 (12,50%) com Transtorno do Neurodesenvolvimento e 3 (9,38%) com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

No questionário utilizado, os gatilhos de desconforto foram categorizados em Tátil, Auditivo, Visual, Olfativo e Temperatura, conforme ilustrado na Figura 1. Apesar de não se enquadrar em um sentido específico, a manutenção da rotina foi identificada por 17 tutores como um fator crucial para prevenir a agitação. Portanto, foi incluída nos resultados dos gatilhos de desconforto.

Para o gatilho olfativo considerou-se como presente o desconforto com qualquer tipo de aroma, entretanto o mais mencionado pelos acompanhantes foi o cheiro de comida. Para o visual considerou-se incômodo com a luz excessiva e vistas carregadas de estímulos visuais de cores, formatos e movimento de imagens ou pessoas. Para aprofundamento dos dados, os gatilhos táteis e auditivos foram estratificados conforme Figuras 2 e 3.

Apenas 2 pacientes (6,25%) não apresentaram nenhum gatilho, enquanto 3 (9,38%) crianças apresentaram desconforto com 1 gatilho, 5 (15,63%) com 2 gatilhos, 9 (28,13%) com 3 gatilhos, 8(25%) com 4 gatilhos, 4(12,50%) com 5 gatilhos e apenas 1(3,13%) paciente apresentou desconforto com os 6 gatilhos relacionados.

Não houve diferença significativa da idade em relação ao sexo dos pacientes. Para o local de coleta houve associação significativa com os gatilhos tato e texturas. Pacientes na internação apresentaram 5,600 vezes mais chance de terem o tato como gatilho e 6,111 vezes mais chance de terem texturas como gatilho, comparados aos pacientes do ambulatório. Observa-se que a temperatura como gatilho foi significativamente diferente em relação à idade, havendo uma prevalência maior para pacientes mais novos.

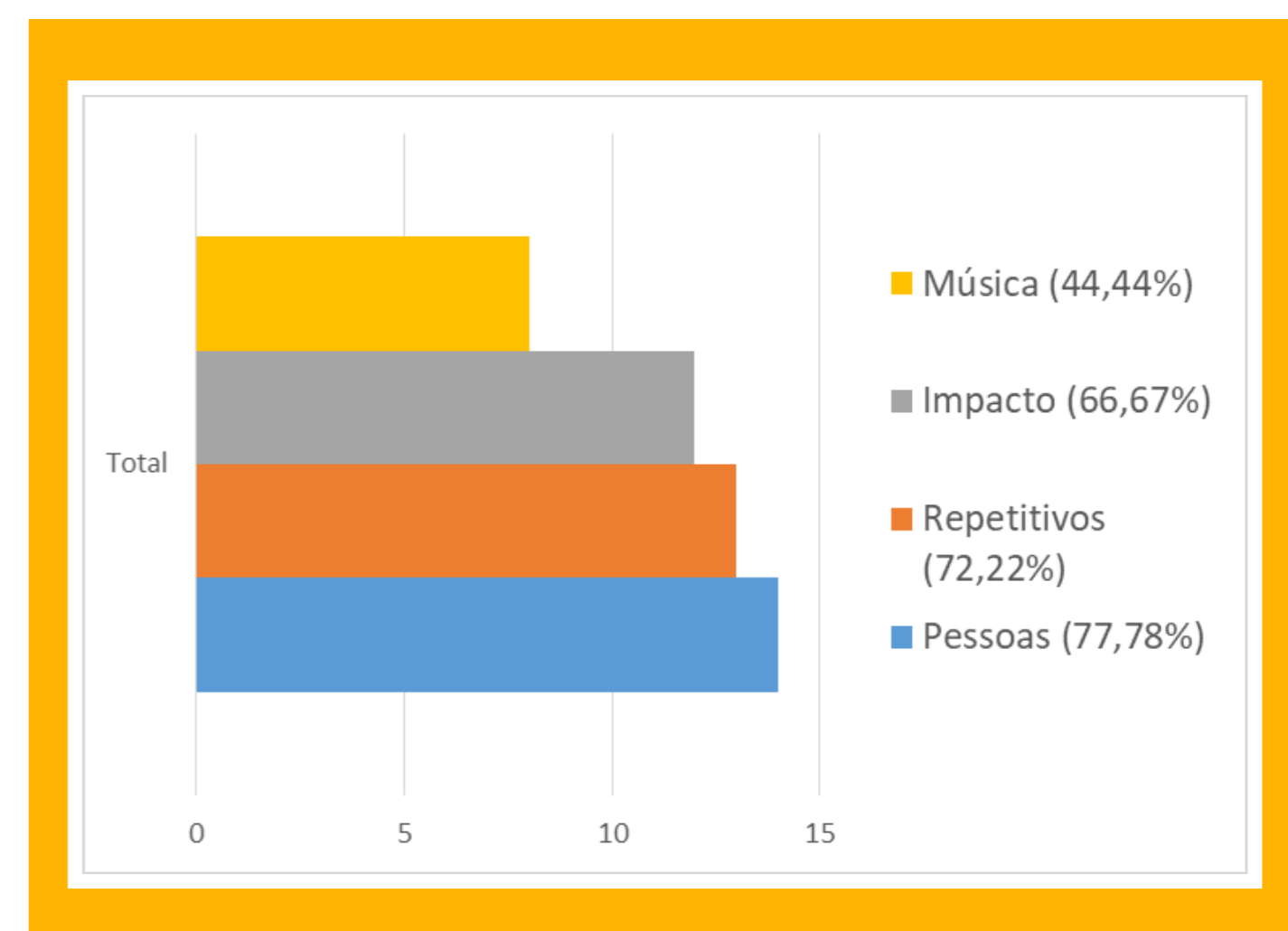


Figura 3 - N total da relatos de desconforto a partir da estratificação de gatilhos auditivos. Fonte: Autora

CONCLUSÕES

Os relatos dos participantes confirmam a hipótese de que a experiência sensorial tem impacto fisiológico significativo. Nesse sentido, foram descritas manifestações físicas como estresse, irritabilidade e inquietação em situações de sobrecarga sensorial. Os achados sobre gatilhos auditivos para desconforto corroboram o estudo de Neumann (2017), mostrando que ruídos de alta intensidade, especialmente sons inesperados e de altas frequências, desestruturam o psicológico, principalmente em pessoas com TPS, como o grupo de estudo. As respostas emocionais incluem mãos na orelha, grito, choro, agitação, nervosismo e autoagressão, além de sentimentos de medo, ansiedade e dor física, com crianças tapando ouvidos ou olhos. A organização espacial e o controle do ambiente são cruciais para o conforto, destacando a importância de adaptar espaços públicos para diversas necessidades sensoriais.

REFERÊNCIAS

- BARKER, K. Sensory Design For Autism, 2014. Retirado de Ghazali, R. Preliminary Study on Sensory Design for Autism Center. 8th Asia-Pacific International Conference on Environment-Behaviour Studies. The University of Chesterfield, Reino Unido, 2018.
- COOLEN, H. The meaning of dwellings. *Housing, Theory and Society*, 23(4), 185-201, 2006
- KINNAER, M; BAUMERS, S; HEYLIGHEN, A. Autism-friendly architecture from the outside in and the inside out: an explorative study based on autobiographies of autistic people. *Journal of Housing and the Built Environment*. Heverlee, Leuven, Belgium, p. 1-17, abril, 2015.
- NEUMANN, H.R. **Projeto acústico para transtornos sensoriais**. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2017.

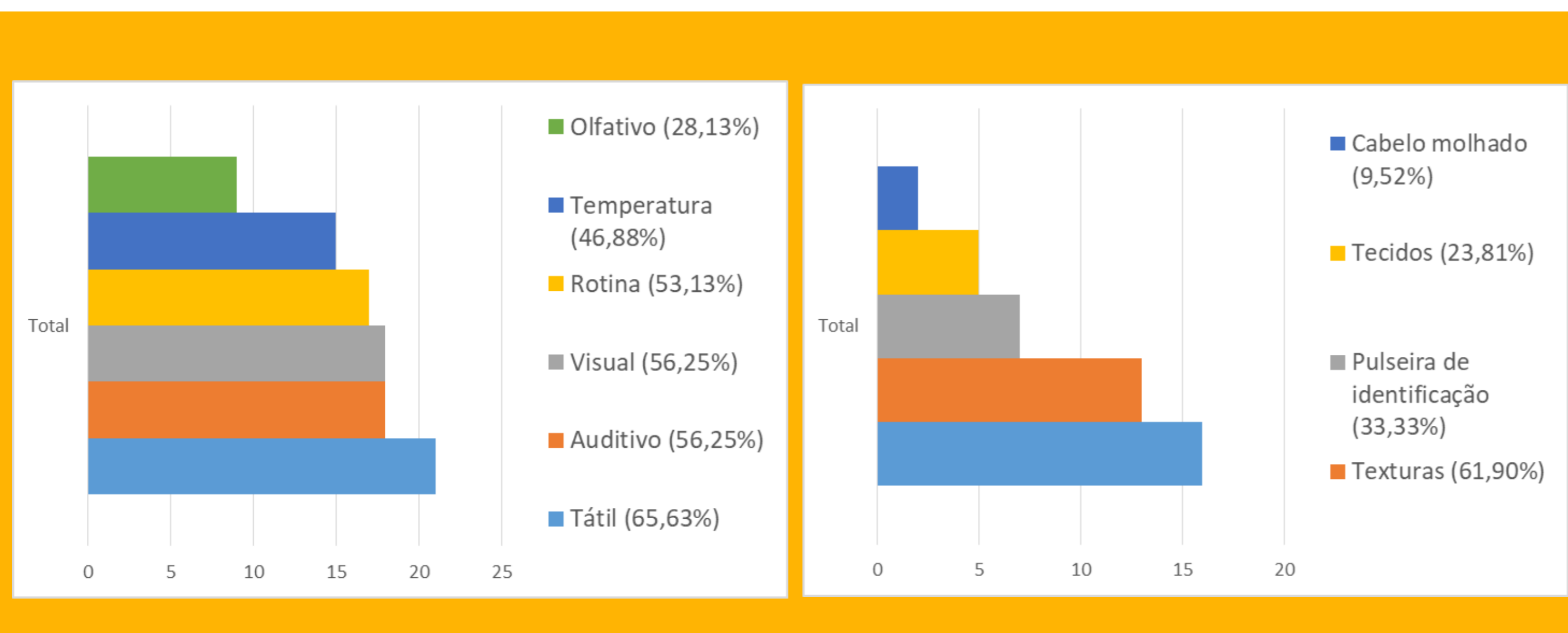


Figura 1 - N total de apresentação de gatilhos. Fonte: Autora.

Figura 2 - N total da relatos de desconforto a partir da estratificação de gatilhos táteis. Fonte: Autora